



PERCEPÇÃO DAS USUÁRIAS DA CLÍNICA OBSTÉTRICA SOBRE AS VISITAS DOS ESTUDANTES

THE PERCEPTION OF USERS OF OBSTETRICAL CLINICS ABOUT THE VISITS OF STUDENTS PERCEPCIÓN DE LAS USUARIAS DE LA CLÍNICA OBSTÉTRICA SOBRE LAS VISITAS DE LOS ESTUDIANTES

Jackeline Kércia de Souza Ribeiro¹, Maria do Socorro Trindade Morais², Patrícia Serpa de Souza Batista³

RESUMO

Objetivo: investigar sobre a percepção das usuárias da clínica obstétrica em relação às visitas dos estudantes. **Método:** estudo exploratório, abordagem qualitativa, desenvolvido com usuárias da Clínica Obstétrica do Hospital Universitário Lauro Wanderley, em João Pessoa/PB/Brasil. Os dados foram coletados mediante entrevista gravada, utilizando-se como instrumento um roteiro de questões subjetivas, em seguida transcritas e analisadas mediante a técnica de análise de conteúdo. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do referido hospital mediante Protocolo nº 032/08 e CAAE nº 6281.0.000.126-10. **Resultados:** a análise possibilitou agrupar os discursos nas seguintes categorias temáticas: favorecimento da troca de saberes entre estudantes e usuárias, proporcionando aprendizado e autonomia; descoberta do cuidar a partir do contato com o outro; fortalecimento do vínculo afetivo entre estudantes e usuárias; comunicação como fator preponderante na interlocução entre usuárias e estudantes. **Conclusão:** as participantes enxergam como positivo o contato com o estudante. **Descritores:** Estudantes; Pacientes; Hospitais de Ensino.

ABSTRACT

Objective: to investigate the perception of the users of midwifery in relation to the visits of students. **Method:** exploratory study, qualitative approach, developed with the users of Obstetrics, University Hospital Lauro Wanderley, in João Pessoa/Paraíba/Brazil. Data were collected through recorded interviews using a structured instrument as subjective questions, then transcribed and analyzed using the technique of content analysis. The study was submitted to the Ethics Committee in Research of the hospital by Protocol nº. 032/08 and nº. CAAE 6281.0.000.126-10. **Results:** the analysis made it possible to group the speeches in the following thematic categories: facilitating the exchange of knowledge between students and users, providing learning and autonomy; discovery of caring from the contact with others; strengthen bonding between students and users; communication as major factor in the dialogue between the users and students. **Conclusion:** participants see as positive contact with the student. **Descriptors:** Students; Patients; Hospitals; Teaching.

RESUMEN

Objetivo: investigar la percepción de los usuarios de la partería en relación con las visitas de los estudiantes. **Método:** estudio exploratorio, cualitativo, desarrollado con los usuarios de Obstetricia del Hospital Universitario Lauro Wanderley, en João Pessoa/PB/Brasil. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas grabadas mediante una encuesta estructurada en forma de preguntas subjetivas, y luego transcritas y analizadas mediante la técnica de análisis de contenido. El estudio fue sometido al Comité de Ética en Investigación del Hospital por el Protocolo nº 032/08 y nº CAAE 6281.0.000.126-10. **Resultados:** el análisis permitió agrupar los discursos en las siguientes categorías temáticas: facilitar el intercambio de conocimientos entre los estudiantes y usuarios, proporcionando el aprendizaje y la autonomía, descubrimiento de cuidar el contacto con los demás, fortalecer los lazos entre los estudiantes y usuarios, la comunicación como factor importante en el diálogo entre los usuarios y los estudiantes. **Conclusión:** los participantes ven como contacto positivo con el alumno. **Descriptores:** Estudiantes; Pacientes; Hospitales; La Enseñanza.

¹Enfermeira, Aluna do Curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: jacke_kercia@yahoo.com.br; ²Enfermeira. Mestre em Enfermagem, Docente do Departamento de Promoção à Saúde da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: socorrotmorais@hotmail.com; ³Enfermeira, Doutora em Educação, Docente do Departamento de Enfermagem Clínica da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: patriciaserpa@oi.com.br

INTRODUÇÃO

Vive-se na era de busca do saber, na qual se deve deixar de olhar o homem e o mundo de forma fragmentada, para não correr o risco de nunca enxergar o todo, lembrando que o ser humano é único, é singular em sua essência e que conhecê-lo, um pouco mais e melhor, será sempre um grande desafio.¹

A pessoa que passa por um processo de hospitalização vivencia situação estressante e, muitas vezes, de sofrimento. Por um lado, o acelerado avanço técnico-científico no contexto da saúde tem resultado em alguns momentos em uma valorização excessiva desses aspectos em detrimento do respeito e de outras questões que permeiam as relações humanas. Por outro lado, têm-se as limitações impostas pelas características do ambiente hospitalar como ambiente impessoal e frio, local de tristeza, dor e sofrimento, associados à ideologia que prima pela manutenção da hegemonia capitalista e do modelo biomédico nesse espaço.²

O crescimento científico e tecnológico no âmbito da saúde trouxe, a deterioração da qualidade e a objetividade do atendimento, pois a formação do profissional de saúde voltada para as tecnologias emergentes e a urgência em suprir sua necessidade de acompanhar e assimilar as novas descobertas da ciência tem interferido nas ações junto ao usuário, onde o mesmo representa apenas um objetivo da investigação de seu desequilíbrio biológico e descrição técnica da doença; contribuindo, desta forma, para a desumanização da assistência a saúde.

É tácito que não há a fórmula única eficaz para o ensino do cuidado humano, uma vez que esse processo deve ser fruto de permanentes e contínuas discussões, aperfeiçoamentos e reflexões, de maneira dinâmica e compartilhada envolvendo as bagagens pessoal e profissional dos seus protagonistas: docentes e discentes. Acredita-se que o processo de formação do profissional de saúde não deva ser um método rígido que modele ou imponha regras, mas sim um modelo que seja vivo, construtivo e educativo, permitindo e possibilitando o vir a ser, o criar, o ousar, assumindo riscos, na busca não apenas do preparo profissional, mas, sobretudo, de um indivíduo crítico, cidadão preparado para aprender a criar, a propor, a transformar e a construir.¹

Há urgência das instituições formadoras investirem na capacitação de seus alunos em habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal. Para a autora, quem trabalha

com seres humanos em situações de doença, é necessário aprender não apenas realizar técnicas assistenciais ou operar aparelhos que realizam intervenções diagnósticas ou terapêuticas. É preciso ser educado para saber quando e o que falar, como possibilitar posturas de compreensão, aceitação e afeto, como calar e escutar, como estar próximo e mais acessível às necessidades destas pessoas.³

Faz-se oportuno ouvir as vozes de quem recebe o cuidado, representados pelas mulheres da clínica obstétrica, possibilitar que expressem suas angústias, valorizando seus conhecimentos, buscando que o ensino/serviço construam melhores processos que atendam as suas necessidades e expectativas.

Partindo dessas reflexões, este estudo tem como objetivo investigar sobre a percepção das usuárias da clínica obstétrica em relação às visitas dos estudantes.

MÉTODO

Estudo exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada na Clínica Obstétrica, do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), em João Pessoa/PB/Brasil. Este é o maior cenário das práticas dos estudantes da área de saúde da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Além disso, na clínica obstétrica encontram-se usuárias em diversos tipos de internamento, visto que a clínica comporta gestantes de alto risco a espera da cirurgia, parto, em observação e puerperas em reabilitação e/ou a espera da reabilitação dos filhos.

A população em estudo foi composta pelas usuárias em internação na clínica obstétrica do HULW. A amostra foi composta por 12 usuárias, maiores de 18 anos, internadas durante o período da coleta de dados, que receberam a visita de estudantes e que se disponibilizam a participar do estudo, depois da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

A técnica empregada para a obtenção dos depoimentos foi a de entrevista, e o instrumento constou de um roteiro de questões subjetivas. Foi utilizado equipamento de áudio para registro fidedigno das informações relatadas pelas participantes. A coleta ocorreu no mês de Julho de 2008, na Clínica Obstétrica do HULW, com variações de tempo de 4 a 11 minutos, transcorridos de acordo com a necessidade de participação das entrevistadas.

Os depoimentos foram transcritos e analisados mediante a Técnica de Análise de

Conteúdo, seguindo-se as fases de pré-análise, codificação, inferência e interpretação dos dados.⁴ Os depoimentos dos participantes do estudo foram referenciados pela convenção (Dep. 01), correspondente ao depoimento um, e assim por diante.

Inicialmente o projeto foi encaminhado para análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do HULW mediante CAAE nº 6281.0.000.126-10, recebendo parecer favorável conforme Protocolo nº 032/08. Foram observados os aspectos éticos de pesquisa em seres humanos, preconizados pelo Conselho Nacional de Saúde, de acordo com a Resolução 196/96.⁵

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise foi realizada a partir do discurso de doze usuárias da Clínica Obstétrica do HULW, na faixa etária de 18 a 41 anos, com variação de quatro dias a 120 dias de internamento na clínica. Quanto à escolaridade, concluíram do 5º ano do ensino fundamental ao ensino médio completo.

O procedimento de análise adotado no estudo possibilitou a construção de quatro categorias, assim, a visão das usuárias da Clínica Obstétrica sobre atuação dos estudantes de um Hospital Escola: Favorece a troca de saberes entre estudantes e usuárias, proporcionando aprendizado e autonomia; Descoberta do cuidar a partir do contato com o outro; Fortalecimento do vínculo afetivo entre estudantes e usuárias; Comunicação como fator preponderante na interlocução entre usuárias e estudantes.

● Favorecimento da troca de saberes entre estudantes e usuárias, proporcionando aprendizado e autonomia

Na atenção ao usuário de saúde num hospital escola insere-se a atuação dos discentes. Quando indagadas sobre o HULW tratar-se de um espaço prático para os estudantes de diversos cursos da área de saúde da UFPB, as usuárias entrevistadas referiam estar cientes da presença dos acadêmicos. Revelando quanto à atuação e aprendizado dos estudantes:

Eu gosto de ajudar, se eu to aqui, e isso aqui é uma escola eu tenho mais é que participar e colaborar com as pessoas. Ai eu faço o máximo. Eu dou o que eu posso, para as pessoas aprenderem e no que eu posso ajudar eu me permito mesmo. Quer aprender, tudo bem, eu fico assim tipo cobaia, porque é bom ajudar [...] e às vezes eu até ensino: - não mulher faça assim que é melhor. (Dep. 01)

Teve uma menina que era um doce, mas foi a única pessoa, num sei como, porque aqui tem umas pessoas que fazem a ordenha há anos e anos, e essa menina foi a única que eu deixei ordenhar, porque foi a única que não me machucou, soube tirar direitinho meu leite [...] coloquei até um apelido nela de mãos de fada, ela pega no seu seio e você não sente nada e nem fica dolorido no outro dia. Então quer dizer eu me sinto tão bem em poder te ajudar e ela ter me ajudado ao mesmo tempo, como uma troca. Ai ficou esse vínculo de amizade. É isso que eu acho gostoso. (Dep. 02)

Eu sei que o estudante precisa de um espaço pra poder trabalhar a parte tanto teórica, quanto a prática. Então, a prática é aqui no hospital, se a gente pode passar essa oportunidade pra ele como paciente, eu acho perfeito. E é assim que a gente vai ajudar e ele vai nos ajudar. Que ele também tendo mais conhecimentos, quem sabe futuramente posso precisar novamente dele. (Dep. 04)

É bom em termo de aprendizado. A gente tem que confiar, porque se não tentar como é que vai aprender? [...] Até acho legal incentivar, porque tem que aprender um dia, e a gente só aprende treinando. (Dep. 10)

Estes depoimentos demonstram que a atuação dos estudantes no hospital escola é bem aceito pelas usuárias, sentindo-se também agentes do processo ensino-aprendizagem. Ressaltando que há uma troca entre usuário-aluno, onde elas recebem o cuidado dos estudantes e proporcionam a possibilidade da prática clínica aos mesmos. Contribuindo, dessa forma, para a aquisição de conhecimentos e formação de futuros profissionais.

As atividades práticas orientam as atividades de teorização e reflexão crítica, propiciando identificação das necessidades de aprendizagem dos acadêmicos, a busca de informação, a identificação das melhores evidências para a investigação e o plano de cuidado e a imediata aplicação do conhecimento visando à transformação da prática e a saúde das pessoas.

Estudo⁶ demonstra que os pacientes do HU estão satisfeitos com a presença dos alunos no hospital e que estes lhes despertam sentimentos de alegria, segurança e acolhimento. Reforçando a importância do estudante no meio hospitalar, ao evidenciar sua influência positiva no atendimento.

Existem diferentes abordagens conceituais sobre a satisfação do paciente. Essa pode ser definida como as avaliações positivas individuais de distintas dimensões do cuidado à saúde; enquanto para outros autores é

compreendida como sendo a expectativa do paciente quanto ao cuidado, contraposta à sua percepção quanto ao cuidado recebido.⁷ A satisfação reflete, portanto, no bem-estar subjetivo individual, ou seja, o modo e os motivos que levam as pessoas a viverem suas experiências de vida de maneira positiva.⁸

● **Descoberta do cuidar a partir do contato com o outro**

O contato do estudante com o usuário traz expectativas aos estudantes, visto que os mesmos ainda procuram adquirir a experiência necessária. Nos depoimentos obtidos foi possível identificar que durante o contato com os estudantes, as usuárias percebem insegurança e medo dos estudantes na realização de alguns procedimentos, como expressam os seguintes trechos:

Se você tá aqui você não tem que ter insegurança no que faz, você quer saber, aprender, tem que ir com tudo mesmo, sem se sentir insegura. Porque se você sente isso você passa pra pessoa. Aí a gente fica com medo de deixar aquela pessoa vir examinar. Porque também já têm pessoas que são muito inseguras, por exemplo, e você estando insegura também, vai passar sua insegurança pra essa paciente, ela não vai querer que você venha atendê-la amanhã de novo". (Dep. 01)

[...] Eu fiquei um pouco insegura na cirurgia, porque na hora a médica estava ensinando como fazer o corte, mas aí eu pensei que a médica tava junto, então eu confiei e deu tudo certo. (Dep. 08)

O estudante ainda tá adquirindo aprendizado, ainda tem aquele certo medo, receio de errar, aí num tem aquela segurança pra fazer um trabalho bem seguro. (Dep. 10)

Diante da hospitalização, muitos dos usuários de saúde encontram-se atemorizados, com dúvidas e perspectivas quanto ao prognóstico e estada no ambiente hospitalar. Quando em contato com um estudante que não demonstre ainda segurança nas atividades desenvolvidas, é patente que esses usuários sintam-se, muitas vezes, intimidados e inseguros com relação ao estudante, considerando-se que é esperado pelo ser cuidado uma atenção de qualidade.

A prática é um elemento motivador para a construção do conhecimento. Ao desenvolverem as ações de saúde e se confrontarem com os problemas em tempo real, os estudantes reconhecem uma nova concepção de aprendizagem, na qual utilizam capacidades prévias e buscam novos conhecimentos (cognitivos, afetivos e psicomotores) para enfrentar as situações que

emergem do cotidiano, construindo, assim, maior significado em sua aprendizagem e possibilitando a construção de novos saberes.⁹

Em contra partida, os formandos da área de saúde ainda têm muita dificuldade para abordar a complexidade dos problemas de saúde da população de uma forma que não se reduza à implementação de ações técnicas voltadas para o conserto de partes do corpo humano ou o alívio dos sintomas.¹⁰

Diante do receio enfrentado pelas usuárias por serem estudantes lidando com o cuidado singular da vida de qualquer pessoa que é sua saúde, a abertura que as mesmas disponibilizam deve ser tratado com desvelo. E que as dificuldades apresentadas pelos estudantes em relação ao contato com os usuários possam ser sanadas e desenvolvida uma atenção adequada ao ser cuidado.

● **Fortalecimento do vínculo afetivo entre estudantes e usuárias**

O trabalho dos estudantes junto ao usuário favorece o desenvolvimento das relações interpessoais, que são essenciais para sua formação. Assim como evidenciamos a qualificação da relação estudante-usuário como questão diretamente relacionada à humanização da atenção.

Sendo assim, as usuárias entrevistadas revelaram em relação à valorização da companhia e atenção dos acadêmicos:

Vocês que estão no começo são mais atenciosos, porque querem aprender, aí tratam melhor os pacientes, tentam agradar mais. Pra vocês poderem ter êxito naquilo que querem aprender [...] Eu só tenho a agradecer a quem vêm aprender. (Dep. 01)

Às vezes a gente está tão tenso, aí chega um, conversa, alegre, tem uns que chegam brincando, e isso é muito bom, porque às vezes a pessoa está tão tensa, precisando até de uma visita, aí quando chega um a gente se distrai, aquele problema que as vezes estava pensando, já para de pensar. Eu gosto deles. (Dep. 02)

Eu acho que o estudante, por ele estar iniciando, muitas vezes se tornam mais agradáveis e mais atenciosos do que aquelas que já são formadas, mas isso não quer dizer todos que já estão formados. Mas é bom, porque ele tem um certo carinho, em relação a você, então você se sente um pouco mais segura. (Dep. 04)

É bom porque você tem uma visita, principalmente quando está só. Eu mesma já precisei, quando cheguei e tava na triagem, tava com medo, grávida de 6 meses e ia tirar a criança, não tinha vaga ainda, aí os estudantes conversaram comigo e eu fui me acalmando. Então pra mim foi importante, porque eu ia ficar sozinha na sala,

esperando uma vaga. Não podia andar porque já estava perdendo líquido, tava desesperada já. Ai chamaram dois estudantes pra ficar conversando comigo e me distraíram. (Dep. 08)

Na atenção ao usuário de saúde é necessário uma boa relação, afim de que este possa ser atendido em sua plenitude, de forma a amenizar as dificuldades enfrentadas perante o processo de internamento. O cuidar efetivo, portanto, implica na inter-relação de dimensões que podem incluir desde a técnica mais especializada até o simples olhar de afeto e carinho.

Na vida acadêmica ainda encontra-se a formação de profissionais técnicos, que não se envolverem emocionalmente. Entretanto o cuidar, que é inerente ao ser humano, inclui a dimensão afetiva, reprimida pela exigência do profissional frio e distante. Sendo preciso redirecionar o discurso da formação acadêmica para inserir o cuidar, em todos os seus aspectos, para que sejam desenvolvidas relações mais humanizadas.¹¹

Uma boa relação com o usuário de saúde é imprescindível para uma atenção humanizada e voltada às necessidades dos mesmos. Espera-se que os profissionais valorizem o contato com os usuários, que não se detenham apenas a procedimentos técnicos ou burocráticos, que possam lembrar as vezes em que as técnicas ainda eram escassas e mesmo assim fizeram com que o processo de internamento e enfrentamento das patologias fossem amenizadas, pois observavam o que os usuários estavam a precisar e ouviam o que estavam a dizer.

• Comunicação como fator preponderante na interlocução entre usuárias e estudantes

O diálogo é observado como forma fundamental de acesso ao conhecimento do outro, onde se torna possível a troca de saberes, popular e científico, ressaltando ainda, sua importância para o cuidado, voltado para as necessidades dos usuários. Quanto à comunicação, as entrevistadas ressaltaram:

[...] É difícil, eu não digo vocês, mas esses médicos, quando começa a falar na linguagem deles a gente parece um ET, não entende nada. De estudante também num é muito não, porque eles também estão aprendendo. Tem coisa que a gente entende quando eles falam, mas têm coisas que não dá pra entender mesmo, aí eu fico na minha. (Dep. 01)

Tem hora que fico voando, sem saber nem o que perguntar [...] os estudantes vêm dizer o que eles vão fazer, o que eu acho bom é

isso, eles dizem o que ta acontecendo com a gente, o que eles estão fazendo, que é pro bem da gente. (Dep. 03)

Quando eu não entendo, eu tento ir bem ao fundo pra saber, por que algumas palavras da medicina a gente realmente não sabe, mas eu pergunto, não penso duas vezes, de que se trata, como é tratado [...] as vezes você tem uma dúvida que você quer tirar com um profissional e você não tem coragem, e então vai pra um estudante e de repente você tira aquela dúvida que você tinha. (Dep. 04)

Às vezes os estudantes não têm aquela maneira de explicar as coisas que a gente quer como o profissional tem. Eles querem explicar, mas não tem aquela palavra certa pra explicar. (Dep. 05)

[...] Às vezes pergunto e às vezes a gente tem medo até de um fora. Porque nem todos conversam com a gente a língua da gente. E quando a gente pergunta também não responde direito. (Dep. 07)

Nos depoimentos obtidos encontra-se discrepância entre as opiniões das usuárias quanto à comunicação com os estudantes, onde algumas entrevistadas ressaltam que a linguagem usada pelos estudantes apresenta-se mais acessível à população, enquanto outros depoimentos referem que os mesmos não apresentam forma ideal de comunicação com os usuários. A pouca experiência dos acadêmicos podem interferir nesse processo, visto que os mesmos teriam que buscar meios de comunicação informal que não estivesse habituado.

A comunicação se configura como um instrumento primordial à prática do cuidar em saúde, em virtude de permear todas as situações de interação com o paciente e subsidiar a compreensão do ser cuidado em aspecto holístico.¹² Com o diálogo, cada parte pode se comunicar e tomar conhecimento das idéias e sentimentos dos demais, tornando possível a discussão ou momentos educativos de ensinamentos e de aprendizagens, sendo uma capacidade humana de perguntar e responder ao outro.

A resposta do ser cuidado às ações do ser que cuida é extremamente importante, pois funciona como termômetro não só da aplicação da técnica, mas também de comportamentos e atitudes de cada ser no momento do cuidado. Nesses aspectos, podem ser observadas através de vários sinais subjetivos, tais como queixas, dúvidas, perguntas, expressões faciais, postura, tom de voz e também, pelo silêncio. Essas manifestações transmitem sentimentos e pensamentos e, muitas vezes podem bloquear a comunicação. Dessa forma, se o cuidado for

prestado de forma a entender as necessidades do ser cuidado, a experiência pode ser positiva e este pode enfrentar melhor o processo de adoecimento.

Outro aspecto importante a ser destacado é que a dificuldade premente na comunicação com o usuário não se encontra apenas nos acadêmicos, encontra-se também no exercício profissional. Entretanto, visto a importância do diálogo para o cuidado frente às necessidades dos usuários e para percebê-los como agentes atuantes no processo saúde-doença é imprescindível que essa abertura se faça presente, para que assim seja proporcionado uma assistência integral e humanizada.

CONCLUSÃO

Os discursos analisados nesse estudo revelaram que as usuárias perceberam de forma positiva a prática dos acadêmicos, proporcionando a troca, trazendo benefícios para o estudante assim como para os usuários que relataram maior atenção oferecida pelos estudantes, exaltando o carinho com que se sentem tratados e a importância da sua companhia. Doutra parte, abordaram a dificuldade na comunicação encontrada entre estudantes/profissionais-usuários e a insegurança demonstrada por alguns estudantes.

É necessário rever a postura técnica comparando-a com a valorização do investimento na formação ética e humanizada dos profissionais da saúde e assistência. Reconhecer as competências relacionadas e técnicas de cada discente, exercitando o respeito aos pares, a responsabilidade da ação compartilhada e a importância de uma atitude serena e eficaz é o substrato para uma vivência humanizadora no âmbito da saúde. Construir compromissos e valores humanos no contexto da formação é essencial para a construção de uma prática humana em saúde.

Alguns trabalhos foram desenvolvidos sobre a interação aluno-usuário e a possível influência desta relação na satisfação dos usuários com o serviço, ou mesmo sobre a visão dos usuários quanto ao cuidado recebido, portanto, anseio que haja a maior abertura quanto aos trabalhos realizados para ouvir os agentes receptores do cuidado, e o quanto esses podem contribuir para a melhoria da assistência prestada, com vista à promoção da atenção mais humanística e integrativa.

Espera-se que os resultados desta pesquisa sejam vistos como contribuição à saúde da população, aos acadêmicos e profissionais da

saúde. Estes devem assumir como desafio o esforço para ampliar o olhar e se centrar nos usuários e seus cuidados, compreendendo o seu contexto de vida, seus limites e suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

1. Lara JAM. Aliança dos saberes no processo educativo e do cuidado: implicações para a formação do enfermeiro [dissertation]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2007.
2. Martins PAF, Silva DC, Alvim NAT. Tipologia de cuidados de enfermagem segundo clientes hospitalizados: encontro das dimensões técnico-científica e expressiva. Rev Gaúch Enferm [Internet]. 2010 Mar [cited 2012 Apr 30]; 31(1):143-50. Available from: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/10073/8447>
3. Smeltzer SC, Bare BG. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 11th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009.
4. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2008.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1996.
6. Jardim PCBV, Costa NGS, Oliveira PC, Silva VN, Rabelo YS. O papel do aluno de graduação em Medicina no atendimento a pacientes de enfermarias de longa permanência de um hospital-escola. Rev bras educ méd [Internet]. 2008 Jan/Mar [cited 2012 Aug 15]; 32(1):75-82. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000100010&lng=pt&nrm=iso
7. Odicino NG, Guirardello EB. Satisfação da puérpera com os cuidados de enfermagem recebidos em um alojamento conjunto. Texto & contexto enferm [Internet]. 2010 Dec [cited 2012 Oct 15]; 19(4):682-90. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072010000400011&lng=pt.
8. Joia LC, Ruiz T, Donalisio MR. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. Rev Saúde Pública [Internet]. 2007 Feb [cited 2012 Aug 30]; 41(1):131-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100018&lng=pt.
9. Ferreira RC, Silva FR, Agüera CB. Medical education: learning with primary care. Rev bras educ méd [Internet]. 2007 Jan/Apr [cited

2012 Aug 30];31(1):52-9. Available from: http://www.leeds.ac.uk/medicine/prof_dev/mer.html

10. Oliveira AMM, Lopes MEL, Evangelista CB, Gouveia EML, Costa FSG, Alves AMPM. The spiritual dimension of care in nursing practice: student's opinion. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 Sept [cited 2012 Aug 20]; 6(9):2037-44. Available from: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3113/pdf_1421

11. Araújo MMT, Silva MJP. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. Rev esc enferm USP [Internet]. 2007 Dec [cited 2012 Oct 15]; 41(4):668-74. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342007000400018&lng=pt.

12. Lima ICV, Galvão MTG, Costa E, Freitas JG, Freitag LM. Comunicação entre acadêmicos de enfermagem e clientes com AIDS. Rev esc enferm USP [Internet]. 2011 Apr [cited 2012 Apr 30];45(2):426-32. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200018&lng=pt.

Submissão: 03/10/2012

Aceito: 20/11/2012

Publicado: 01/01/2013

Correspondência

Jackeline Kércia de Souza Ribeiro
Rua Profe. Arthur Batista, 157 – Jaguaribe
CEP: 58015-810, João Pessoa (PB), Brasil